



UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

Vanessa Alexandra Silva Ferreira

**GENERATIVIDADE E CONFIANÇA INTERPESSOAL:  
RELAÇÕES COM AS VARIÁVEIS SOCIODEMOGRÁFICAS  
SEXO E IDADE**

Dissertação no âmbito do Mestrado em Psicologia da Educação  
Desenvolvimento e Aconselhamento orientada pela Professora Doutora  
Graciete Franco Borges e apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da  
Educação da Universidade de Coimbra

Julho de 2020

## **Resumo**

A presente investigação pretende analisar dois conceitos muito importantes: a generatividade e a confiança interpessoal, que se têm destacado como variáveis bastante importantes para compreender a adaptação nas diferentes relações pessoais. Neste sentido, o objetivo desta investigação é verificar se existem diferenças nas crenças generativas e na confiança interpessoal, tendo em conta as variáveis sociodemográficas sexo e idade.

Para realizar esta investigação foram utilizados os seguintes instrumentos: Formulário de Dados Pessoais, Escala da Generatividade, adaptação portuguesa da Loyola Generativity Scale (LGS), a adaptação portuguesa da Adult Specific Trust Scale e a adaptação portuguesa da Escala das Necessidades Psicológicas Básicas (BPNS-G).

A amostra é composta por 121 participantes (56 homens e 65 mulheres), com idades entre os 19 e os 56 anos, e foi recrutada na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra e na minha comunidade, visto ser necessário uma faixa etária diversificada.

Os resultados obtidos permitem verificar que não existem diferenças estatisticamente significativas, na generatividade e na confiança interpessoal em função do sexo dos sujeitos, apesar de os sujeitos do sexo feminino apresentarem resultados mais elevados nas escalas da generatividade e da confiança interpessoal. Relativamente à variável sociodemográfica idade, na generatividade não se verificaram diferenças estatisticamente significativas. Quanto à confiança interpessoal, existem diferenças estatisticamente significativas, sendo o seu valor mais baixo nos sujeitos mais velhos.

**Palavras-chave:** generatividade, confiança interpessoal, sexo, idade

## **Abstract**

This research aims to analyse two very important concepts: generativity and interpersonal trust, which have stood out as quite important variables to understand adaptation in different personal relationships. In this sense, the objective of this research is to verify if there are differences in generative beliefs and interpersonal trust, taking into account the socio-demographic variables gender and age.

The following tools were used to conduct this research: Personal Data Form, Generativity Scale, the Portuguese adaptation of the Loyola Generativity Scale (LGS), the Portuguese adaptation of the Adult Specific Trust Scale, and the Portuguese adaptation of the Basic Psychological Needs Scale (BPNS-G).

The sample, composed by 121 participants (56 male and 65 female) aged between 19 and 56 years old, was recruited in the Faculty of Psychology and Educational Sciences of the University of Coimbra and also in my community, since a diverse age group is required.

The results obtained show that there are no statistically significant differences in the generativity and interpersonal trust according to the gender of the subjects, despite the fact that the female subjects show higher results in the scales of generativity and interpersonal trust. Regarding the sociodemographic variable age, there were no statistically significant differences in generativity. However, there are statistically significant differences in interpersonal trust, with a lower value in older subjects.

**Keywords:** generativity, interpersonal trust, sex, age

## **Agradecimentos**

Aos meus pais e à minha irmã, por todo o apoio e força;

À professora Doutora Graciete Franco Borges pela disponibilidade, por todo o apoio e dedicação;

À professora Doutora Maria Paula Barbas de Albuquerque Paixão, por me ter prestado apoio, visto a minha orientadora não estar presente por motivos de doença;

Às minhas amigas, pela amizade e apoio que me deram;

À minha afilhada, por toda a força e carinho;

À minha prima Susana Ribeiro, pelo incentivo e apoio para que eu ingressasse no Ensino Superior;

A todos que se disponibilizaram a participar na investigação;

A todos os que me apoiaram ao longo deste percurso;

Muito obrigada a todos,

## Índice

<b>Introdução</b> -----	1
<b>I – Enquadramento Conceptual</b>	
1. Generatividade-----	3
1.2. O desenvolvimento da generatividade ao longo do ciclo vital -----	4
2. Confiança Interpessoal-----	6
2.1. Confiança Interpessoal segundo a Teoria Psicossocial do desenvolvimento Humano de Erickson -----	8
2.2. Teoria e Modelo de Rotenberg -----	9
2.3. Confiança Interpessoal na Infância e Adolescência-----	10
<b>II – Objetivos</b> -----	11
<b>III – Metodologia</b>	
1. Caraterização da Amostra-----	13
2. Instrumentos -----	16
3. Procedimento-----	18
<b>IV – Resultados</b> -----	19
<b>V – Discussão</b> -----	27
<b>VI – Conclusões</b> -----	30
<b>Bibliografia</b> -----	31
<b>Anexos</b> -----	36

## **Introdução**

A presente dissertação foi realizada no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia, na área de especialização de Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento.

Apesar de estarmos num país desenvolvido, infelizmente existem muitas injustiças tais como discriminação, racismo, frequentemente não há preocupação com o outro, nem com a sociedade em que estamos inseridos. Estes são alguns problemas relativamente aos quais a compreensão dos construtos em análise (generatividade e confiança interpessoal) se pode revelar deveras importante.

Nesta dissertação vão, pois, ser analisados dois construtos a generatividade, e a confiança interpessoal, ambos associados à Teoria de Desenvolvimento Psicossocial de Erikson.

A generatividade caracteriza-se por um interesse e envolvimento no cuidado e orientação das gerações futuras (Franco-Borges & Vaz-Rebello, 2007); este interesse para cuidar das gerações futuras vai depender, em grande parte, da satisfação das necessidades fisiológicas, psicológicas e sociais na infância. As relações de confiança experienciadas na infância associam-se a um elevado grau de confiança sentido na adolescência.

Segundo Erikson, a confiança nas pessoas que se adquire durante os primeiros anos de vida é fundamental para o desenvolvimento da generatividade. Ter confiança em si mesmo e nos outros promove motivação para comportamentos de aproximação nas interações sociais, promovendo o desenvolvimento de atitudes positivas face ao envolvimento futuro na sociedade (Malti, Averdijk, Ribeaud, Rotenberg, & Eisner, 2012).

A confiança interpessoal é essencial para compreender o funcionamento das relações sociais, podendo ser considerada como um constructo universal e vital para o funcionamento da sociedade e do indivíduo (Evans & Kruger, 2011; Rotenberg, 1991, 2010; Tschannen-Moran & Hoy, 2000).

Esta investigação pretende verificar o funcionamento da generatividade e da confiança interpessoal, tendo em consideração a faixa etária e o sexo dos sujeitos.

Deste modo, relativamente à sua estrutura, este estudo está dividido em seis partes. A primeira parte refere-se ao enquadramento conceptual, a segunda parte refere os

objetivos desta investigação e as hipóteses em estudo, na terceira parte apresenta-se a metodologia de investigação utilizada, a partir da descrição da amostra, dos instrumentos utilizados, bem como dos procedimentos da investigação. Na quarta parte são apresentados os resultados do estudo, na quinta parte será efetuada a sua discussão e por fim, na sexta parte, será apresentada a conclusão.

## **I-Enquadramento conceptual**

Nesta primeira parte da dissertação vão ser apresentados e discutidos os conceitos principais em estudo: generatividade e confiança interpessoal.

### **1. Generatividade**

Erikson propôs o conceito de generatividade para definir o sétimo estágio de desenvolvimento pessoal. A generatividade constitui uma tarefa de adultez e expressa-se por "um interesse em educar e guiar as gerações mais novas" (Erikson, 1963, p.267) e/ou uma intenção de tomar conta ou cuidar dos outros.

De acordo com o modelo psicossocial de desenvolvimento de Erikson, o desafio principal do adolescente é o de construir uma identidade, o do jovem adulto é o de estabelecer relações de intimidade num relacionamento a longo prazo e o do adulto é o de contribuir positivamente para a geração futura, através da parentalidade, da transmissão de saberes, da liderança, da criação e cuidado, deixando uma herança positiva (McAdams, 2006).

Segundo Erikson, se a crise *generatividade versus estagnação* for bem-sucedida, originará uma esperança no progresso da humanidade e das instituições, tais como a família, promovendo a continuidade intergeracional das tradições e das modalidades de atuação (Peterson, Smirles, & Wentworth, 1997). Deste modo, os adultos generativos tornar-se-iam intervenientes e modeladores do destino em sociedade (Vaillant & Milofsky, 1980, cit. em McAdams, 2006). Em contrapartida, os adultos que se mostrem incapazes de enfrentar os desafios da generatividade experimentarão o que Erikson designou por "estagnação", sendo incapazes de deixar uma marca positiva na comunidade.

A generatividade é um construto complexo e multifacetado, que está associado a imperativos biológicos subjacentes à sobrevivência da espécie envolvendo, igualmente, processos psicossociais que resultam na motivação para transmitir conhecimentos ou experiências, deixar descendência, contribuir e ser responsável pelo desenvolvimento da sociedade e das gerações mais novas e na motivação para a criatividade (McAdams & Aubin, 1992).

A generatividade abarca as expectativas sociais de cuidado das gerações futuras, correspondendo ao que Erickson (1963) designou de “necessidade de ser necessário” e o que Krote (1984) designou de “imortalidade simbólica” remetendo, assim, para duas dimensões diferenciadas: uma dimensão pró-social, de prestação de cuidado, e uma dimensão associada ao desenvolvimento de ações que sobrevivam à própria morte. Seguindo a mesma linha de ideias, de acordo com McAdams e Aubin (1998), o significado de generatividade possui dois aspectos interligados: criação, produção e geração de algo e doação deste algo aos outros como uma dádiva pessoal.

McAdams, Hart & Maruna (1998) expandiram o conceito de generatividade através da operacionalização de um modelo que contempla sete dimensões psicossociais: 1) motivação ou necessidade intrínseca de ser necessário; 2) desejo de imortalidade simbólica; 3) preocupação consciente com as gerações futuras; 4) crenças sobre o valor do ser humano; 5) compromissos e investimentos; 6) ações concretas; e 7) narrativa generativa pessoal. Segundo este modelo, a generatividade seria um conceito multifacetado e multidimensional, em que a motivação decorreria das expectativas da sociedade relativamente à preocupação e cuidado das novas gerações e do desejo interno de se sentir necessário aos outros, bem como de imortalidade simbólica. Deste modo, a generatividade decorreria da necessidade de sobrevivência e manutenção da espécie, e da motivação psicossocial para a transmissão intergeracional de conhecimentos/experiências, de forma a contribuir para o desenvolvimento da sociedade e das gerações mais novas (McAdams & St. Aubin, 1992, cit. in Vaz-Rebello & Franco-Borges, 2009, p. 99).

McAdams e St. Aubin (1992) questionam o pressuposto de Erikson de que a generatividade constitui a principal tarefa da idade adulta, considerando não existir nenhuma etapa no ciclo vital que se dedique exclusivamente à generatividade, razão pela qual consideram necessário analisar o desenvolvimento da generatividade ao longo do ciclo de vida.

## **1.2. O desenvolvimento da generatividade ao longo do ciclo vital**

O estudo da generatividade no ciclo vital tem sido alvo de várias investigações, cujos resultados nem sempre são conclusivos. Segundo Erikson, a generatividade

tornava-se mais visível na adultez, contudo existem estudos, como o de McAdams e colaboradores (1993), cujos resultados não vão ao encontro deste pressuposto de Erikson.

Num estudo de Ryff e Heincke, em que foi testado o nível de generatividade em três amostras de grupos etários diferentes (90 jovens adultos, 90 adultos de meia-idade e 90 idosos) verificou-se que o grupo dos adultos mais jovens apresentou um maior índice de generatividade (Ryff & Heincke, 1983, citado em Urien & Kilbourne, 2011). No entanto, o estudo de McAdams, de St. Aubin e Logan (1993), em que se investigou a expressão da generatividade ao longo do ciclo vital verificou-se um aumento dos compromissos generativos entre a juventude e a meia-idade.

Segundo Costa (2001), o desenvolvimento da generatividade tem início logo na infância, desenvolvendo-se ao longo do ciclo de vida, ou seja, este é um constructo coerente e significativo antes da adultez que decorre, em parte, do estilo parental (Lawford e colaboradores, 2005, cit. in Oliveira, 2012, p. 4).

Tendo em conta o modelo teórico de Erikson, a generatividade, tal como todos os constructos associados aos estádios do desenvolvimento psicossocial, estaria presente sob qualquer forma ao longo da vida (Lawford, Pratt, Hunsberger, & Pancer, 2005). Visto que Erikson (1963) não especificou as dimensões e derivativos relativamente à generatividade, coube a outros investigadores tentar especificá-los, contribuindo assim para uma caracterização mais precisa deste conceito e da sua evolução.

Deste modo, Slater (2003) procurou analisar a relação entre a generatividade e as outras etapas do ciclo vital. Neste âmbito, propôs um conjunto de dimensões que considera caracterizarem a idade adulta, tais como: o saber, a inclusividade, o orgulho, a responsabilidade, a produtividade profissional, a parentalidade, o sentimento de ser necessário e a honestidade. Esta proposta mostra-nos uma abordagem desenvolvimentista e ecológica da generatividade, sendo, no entanto, necessários estudos empíricos que validem algumas ideias referidas. Slater (2003) referiu também a necessidade de se realizarem estudos longitudinais, que procuraram compreender a evolução da generatividade ao longo dos anos e a relação entre as experiências passadas e os conflitos psicossociais posteriores que esclareçam a eventual universalidade destes conceitos e/ou a existência de diferenças críticas. Contudo, a relação entre idade e generatividade não é linear, está dependente de outros fatores/variáveis tais como a

personalidade da pessoa, que modelam o seu nível de intensidade (Urie & Kilbourne, 2011).

## **2. Confiança interpessoal**

Foi nos primórdios da psicologia contemporânea que começaram a surgir as primeiras abordagens teóricas acerca do construto Confiança Interpessoal (Borum, 2010).

A confiança interpessoal está relacionada com o funcionamento dos relacionamentos interpessoais, e desempenha um papel crucial no funcionamento dos contextos sociais, sendo um constructo universal e vital no funcionamento da sociedade e do indivíduo (Evans & Kruger, 2011; Rotenberg, 1991, 2010; Tschannen-Moran & Hoy, 2000). Com efeito, a confiança interpessoal está positivamente associada à cooperação e ajuda, desempenhando funções evolucionárias na adaptação ao meio e na interação social. Apesar da sua importância nos relacionamentos pessoais, é bastante difícil existir um consenso entre os vários autores quanto a uma definição de confiança interpessoal (Hosmer, 1995).

A confiança interpessoal não se refere a um comportamento, como por exemplo a cooperação, ou a uma escolha, como por exemplo aceitar correr um risco, mas sim à expectativa de obter determinados resultados desejados, mediante ações concretas, ou seja, por exemplo, durante a infância a criança necessita de confiar nos seus cuidadores e nos seus pares para desenvolver uma autoestima saudável, uma intelectualidade criativa e bons relacionamentos interpessoais (Bernath & Feshbach, 1995). Assim, a confiança assentaria nas expectativas formadas ao longo da vida na interação com os outros, originando crenças sobre as atitudes futuras do outro. O risco e a interdependência estão subjacentes ao nível de confiança interpessoal nos outros, sendo que a variação nos mesmos influencia a qualidade dos relacionamentos ao longo do tempo. Quando as expectativas iniciais são logradas, o nível de confiança interpessoal no outro baixa, afetando negativamente o nível de confiança interpessoal, e como tal, as expectativas positivas iniciais sobre o relacionamento e o nível de confiança conseqüentemente (Rousseau, Sitkin, Burt, & Camerer, 1998).

Segundo Simpson (2007), a confiança interpessoal deve ser entendida como um construto bastante importante para o desenvolvimento, manutenção da felicidade e bom funcionamento dos relacionamentos interpessoais, podendo ser definida como um

estado psicológico que contempla a intenção de aceitar a vulnerabilidade assente nas expectativas positivas das intenções do comportamento do outro (Rousseau, Sitkin, Burt, & Camerer, 1998).

Segundo a perspectiva personológica, a confiança interpessoal resulta dos traços pessoais de cada sujeito, tendo em conta os seus valores pessoais e a sua experiência de vida, a qual influencia os seus comportamentos e a suas crenças, podendo estes ser elementos facilitadores ou bloqueadores da construção e manutenção da confiança e do relacionamento que se estabelece (Garcia, 2005).

No final dos anos 60, Rotter passou a considerar a pertinência da confiança interpessoal sob o ponto de vista comportamental, e sob o ponto de vista cognitivo e comunicacional defendendo, assim, que o comportamento humano é aprendido através do processamento da interação interpessoal. Segundo a Teoria da Aprendizagem Social, a confiança interpessoal pode ser compreendida como uma “expectativa generalizada suportada por um indivíduo ou grupo, em que a palavra, promessa, declaração verbal ou escrita de outro indivíduo ou grupo pode ser invocada” (Szczesniak, Colaço & Rondón, 2012, p.51). Deste modo, descreve o comportamento como decorrente das expectativas pessoais, do valor do reforço e do impacto das vivências psicológicas (Barros, 1991).

A perspectiva de Rotter levou ao desenvolvimento de estudos que procuraram compreender a influência da confiança interpessoal no desenvolvimento, na tomada de decisões e nos relacionamentos interpessoais, tendo dado origem à criação de escalas de avaliação do nível da confiança, tais como as escalas de *Avaliação da Confiança Interpessoal* (Rotter, 1967, cit. in Santos, Terres & Gonçalves, 2010, p. 4), *Confiança em relacionamentos próximos/íntimos* (Larzelere & Huston, 1980, cit. in op. cit.) e *Confiança Interpessoal numa pessoa específica* (Johnson-George & Swap, 1982, cit. in op. cit., p. 4). Earl (1987) identificou três tipos de confiança: 1) confiança nos outros, 2) autoeficácia ou competência pessoal em ambientes sociais, preconizando que a aprendizagem se faz pela observação e imitação de comportamentos de outros, ou seja, através de modelamento a criança aprende comportamentos e as suas consequências, e 3) autoconfiança, definida como a expectativa na capacidade de cumprir uma determinada tarefa (citado por Bernath & Feshbach, 1995).

## **2.1. Confiança interpessoal segundo a teoria psicossocial do desenvolvimento humano de Erikson**

A confiança interpessoal começou por ser definida em termos comportamentais, no âmbito da teoria do desenvolvimento psicossocial de Erikson.

Segundo esta teoria, o desenvolvimento é conceptualizado em 8 estádios de desenvolvimento psicossocial que se expressam em 8 “idades” que decorrem desde o nascimento até a velhice. Estes 8 estádios sucedem-se de forma ordenada a partir de um plano de fundo comum e no sentido de uma complexidade crescente. Cada estádio psicossocial é atravessado por uma crise psicossocial, a qual apresenta uma vertente positiva e uma vertente negativa. A resolução do conflito em cada estádio é independente da resolução do conflito no estádio anterior, mas a qualidade de resolução de um conflito depende da qualidade com que foi resolvido o conflito anterior.

O primeiro estádio que se refere à *confiança vs desconfiança*, surge desde o nascimento e estende-se até ao final do 1º ano de vida; esta é uma fase em que a criança depende totalmente dos outros para satisfazer as suas necessidades e desenvolver a confiança nos outros e em si-mesmo. É a satisfação das suas necessidades que origina o desenvolvimento da confiança, nos outros e também em si mesmo. A interação entre a criança e a mãe/cuidador é decisiva na forma como se resolve o conflito entre a *confiança vs desconfiança*. É também durante este estádio que se estabelecem os modelos mentais acerca dos relacionamentos, que irão influenciar o posterior desenvolvimento dos relacionamentos sociais (Rotenberg, 2001).

O segundo estádio refere-se à *autonomia vs vergonha e dúvida*, que corresponde aos 2 e 3 anos, é nesta fase que a criança começa a ter controlo nas suas necessidades fisiológicas, o que lhe dá autonomia, confiança e liberdade para tentar fazer novas descobertas sem medo de errar; contudo se a criança for criticada desenvolverá vergonha e dúvida da sua capacidade de ser autónoma, provocando um retorno ao estádio anterior.

O terceiro estádio refere-se à *iniciativa vs culpa*, que corresponde aos 4 e 5 anos. Nesta fase a criança começa a perceber as diferenças sexuais, e se a sua curiosidade sexual for reprimida e castigada, a criança poderá desenvolver um sentimento de culpa, o qual contribuirá para diminuir a sua iniciativa de explorar novas situações.

O quarto estágio refere-se à *construtividade vs inferioridade*, que se desenvolve dos 6 aos 11 anos. Nesta fase a criança está a frequentar a escola, iniciando, deste modo, um convívio com outras pessoas que não são familiares, o que exige trabalho em conjunto, cooperatividade e uma maior socialização. Caso tenha dificuldade nestes aspetos, poderá ser objeto de críticas por parte dos outros, passando a criança a viver inferioridade em vez de construtividade.

O quinto estágio refere-se à *identidade vs confusão de papéis*, e decorre dos 12 aos 18 anos. Neste estágio é normal existir confusões pontuais e dificuldades que alternam com a lucidez, as certezas, as vitórias e conquistas, o mundo social da adolescência deve projetar-se tanto espacial, como temporalmente.

O sexto estágio refere-se à *intimidade vs isolamento*, que surge quando se é jovem adulto. Neste estágio existem interesses profissionais e interesse em construir relações duradoras, podendo viver-se momentos de grande intimidade e entrega afetiva; caso ocorra uma decepção, tenderá a surgir um isolamento temporário ou duradouro.

O sétimo estágio refere-se à *generatividade vs estagnação*, que surge na meia idade. Neste estágio pode existir uma dedicação para com a sociedade em que está inserido, bem como a realização de valiosas contribuições ou, pelo contrário, poderá surgir uma grande preocupação com o conforto físico e material.

Por fim, o oitavo estágio refere-se à *integridade vs desesperança* (idade adulta mais avançada). Se o envelhecimento surgir com um sentimento de produtividade e valorização do que foi vivido, sem arrependimentos ou lamentações, haverá integridade, no entanto se o envelhecimento for encarado com a perceção de tempo perdido e a impossibilidade de começar de novo, surgirão a tristeza e a desesperança.

Erikson (1963, cit. in Rotenberg, 2010, p. 8) considera que a Confiança afeta o funcionamento psicossocial durante todo o ciclo de vida.

## **2.2. Teoria e modelo de Rotenberg**

Rotenberg (1994) refere que para conseguir confiança interpessoal recíproca é necessário que haja reciprocidade comportamental, isto é, a expressão de confiança entre os indivíduos mediante a reciprocidade verbal e coincidência de expressões verbais mútuas que coincidam com as expressões verbais de confiança entre os indivíduos.

Este modelo assenta em 3 bases de confiança, 3 domínios e 2 dimensões-alvo. As 3 bases de confiança são as seguintes: *Fidelidade*, que se refere ao cumprimento da palavra ou promessa feita; *Confiança Emocional*, assente nos pressupostos de que os outros se abstêm de causar danos emocionais, de que estão disponíveis para revelações, mantendo confidencialidade, privando-se de críticas e evitando atos que provoquem constrangimento (Rotenberg, Boulton, & Fox, 2005); e *Honestidade*, caracterizada pela autenticidade mediante comportamentos guiados por intenções benignas e estratégias genuínas, em vez de intenções maliciosas e estratégias manipuladoras e/ou enganadoras (Rotenberg, 2001; Rotenberg, 2010; Rotenberg, MacDonald & King, 2004).

Os três domínios são os seguintes: 1) *Cognitivo/Afectivo*, abrange as crenças individuais e as reações emocionais demonstradas pelos indivíduos, nas três bases de confiança; 2) *Confiança Dependente do Comportamento*, que se refere aos comportamentos baseados nas ações dos outros, sendo uma referência para a assunção de comportamentos específicos de resposta aos comportamentos do outro (Rotenberg, 2010); e 3) *Domínio da Iniciativa de Comportamento*, que abarca o envolvimento comportamental do indivíduo nas três bases da confiança (Rotenberg, 2010).

Por fim, as duas Dimensões-alvo são as seguintes: *Especificidade* que varia desde um nível genérico (ex. grupo) a um nível mais específico, incluindo um sujeito particular (Rotenberg et al.,2005); e *Familiaridade*, oscila entre o *não familiar* e o *muito familiar* (Rotenberg et al.,2005).

### **2.3. Confiança interpessoal na infância e adolescência**

É durante a infância que a criança deve desenvolver a confiança; nesta fase do ciclo vital a criança necessita de confiar nos seus cuidadores e nos seus pares para desenvolver uma autoestima saudável, uma intelectualidade criativa e bons relacionamentos interpessoais (Bernath & Feshbach, 1995). A adolescência é um período de transição, onde ocorrem “mudanças que perturbam o equilíbrio interno do sujeito” (Coslin, 2002, p. 30). Para que o adolescente considere o mundo um lugar confinável, deverá na infância ter desenvolvido uma relação de vinculação positiva com os seus cuidadores.

Rotenberg (2010) defende que a confiança tem um papel fulcral na aprendizagem e no funcionamento humano, podendo ser reforçada ou diminuída através

de experiências e interações em contextos de relacionamentos interpessoais (Burke, Sims, Lazarra & Salas, 2007, cit. in Cardoso, 2012, p.1).

Segundo a abordagem ecológica, as pessoas que têm lembranças infelizes da sua vida escolar e familiar são menos otimistas e confiam menos nos outros (Kochanska, Aksan, Penney, & Boldt, 2007). Assim, se existirem altos níveis de confiança nas relações precoces, estão lançadas as bases psicológicas para o bom funcionamento das relações na vida adulta (Simpson, 2007).

## **II-Objetivos**

### **1. Definição do Problema**

Tendo em conta os estudos apresentados na revisão bibliográfica, que mostram uma relação estreita entre os construtos confiança interpessoal e generatividade, visto que a confiança nos outros tem vindo a ser considerada como uma variável pertinente para o desenvolvimento da generatividade, pretendeu-se analisar o funcionamento da generatividade e da confiança interpessoal em função das variáveis sociodemográficas sexo e idade.

De facto, a generatividade diz respeito ao comprometimento do indivíduo para com o mundo, revelando a sua preocupação com a continuidade e aperfeiçoamento da vida humana, desejando deixar um legado para as gerações futuras. O comprometimento generativo significa o estabelecimento de projetos pessoais, metas e investimentos necessários para a ação generativa (McAdams & Aubin, 1998). Por outro lado, Rottenberg e Rotter (1980) consideram a confiança interpessoal promotora das relações sociais, tanto nas crianças como nos adultos, ao longo da vida; segundo estes autores a formação e manutenção das relações interpessoais necessárias para o estabelecimento de projetos com impacto social duradouro dependem da confiança que a pessoa deposita nos outros (Betts & Rotenberg, 2008). De acordo com a literatura especializada, ambos os domínios parecem apresentar variações ao longo do ciclo vital.

Deste modo, o presente estudo pretende analisar a existência de diferenças, tendo em consideração o sexo e a idade, nos níveis de generatividade e de confiança

interpessoal, numa amostra de 121 sujeitos, com idades compreendidas entre os 19 e os 56 anos.

Considerando estudos prévios, foi possível verificar, num estudo de Rotenberg (2005), diferenças significativas nas crenças de confiança interpessoal em função do género, obtendo as raparigas níveis mais elevados. Em relação à idade, no estudo de Cecconello e Koller (2000) e no estudo de Escrivá e colaboradores (2004) não se verificaram diferenças, no entanto no estudo de Litvack et al. (1997) com crianças dos 8 aos 11 anos, encontraram-se diferenças significativas em função da idade, tendo os sujeitos mais velhos obtido resultados mais elevados.

Relativamente à generatividade, num estudo de Vaz Rebelo & Franco Borges, (2009) foi possível verificar diferenças no nível de generatividade em função do sexo tendo os sujeitos do sexo feminino obtido valores mais elevados. Quanto à idade, num estudo de Alves et al. (2006), foi possível verificar que a preocupação generativa parece decrescer com a idade.

## **2. Hipóteses de Investigação**

Tendo em conta o objetivo principal desta investigação e a revisão da literatura prévia, formularam-se as seguintes hipóteses:

**Hipótese 1:** Atendendo à verificação prévia de que o nível de preocupação generativa aumenta com a idade, espera-se que o nível de preocupação generativa seja mais elevado em sujeitos mais velhos;

**Hipótese 2:** Atendendo à verificação prévia da existência de diferenças significativas no nível generatividade em função do sexo espera-se que o nível de preocupação generativa se diferencie em função do sexo, sendo mais elevada no sexo feminino;

**Hipótese 3:** Atendendo à verificação prévia da diferenciação das crenças da confiança interpessoal em diferentes amostras em função do sexo, espera-se que esta dimensão seja mais elevada no sexo feminino;

**Hipótese 4:** Atendendo à verificação prévia de que os níveis de confiança interpessoal aumentem em função da idade, espera-se que o nível de confiança interpessoal seja mais elevado nos participantes mais velhos.

### III-Metodologia

#### 1. Caracterização da amostra

A amostra é constituída por 121 sujeitos, sendo 56 do sexo masculino e 65 do sexo feminino. Cerca de 46,3% dos sujeitos é do sexo masculino e 53,7% é do sexo feminino, há um relativo equilíbrio amostral nesta variável.

**Tabela 1-Dados descritivos-sexo**

	Frequência	Percentagem
Masculino	56	46,3
Feminino	65	53,7
Total	121	

Relativamente à idade dos sujeitos esta varia entre os 19 e os 56 anos. A média é de 31,83 (DP=13,11).

**Tabela 2- Dados descritivos-idade**

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Idade	121	19	56	31,83	13,11

Relativamente à língua materna, 119 sujeitos têm como língua materna o português, apenas dois tem outra língua materna.

**Tabela 3- Dados descritivos- Língua Materna**

	Frequência	Porcentagem
Português	119	98,3
Outra	2	1,7
Total	121	

No que diz respeito à escolaridade, esta oscila entre um grau de escolaridade “inferior ao 12º ano” e “pós-graduação ou equivalente”. A maioria dos sujeitos tem como grau de escolaridade o 12º ano, cerca de 24 sujeitos têm um grau de escolaridade inferior ao 12º ano, 5 sujeitos têm o 12º ano mais um diploma profissional específico, 27 sujeitos frequentaram a faculdade, mas não concluíram a licenciatura, 8 sujeitos possuem uma licenciatura ou grau equivalente e apenas 5 sujeitos têm uma pós-graduação.

**Tabela 4- Dados descritivos- Escolaridade**

	Frequência	Porcentagem
Inferior ao 12 ano	24	19,8
12 ano	52	43,0
Diploma profissional específico	5	4,1
Frequência na Faculdade, sem conclusão da licenciatura	27	22,3
Licenciatura ou grau equivalente	8	6,6
Pós-graduação ou equivalente	5	4,1
Total	121	

Relativamente à situação laboral, é possível verificar que 38 sujeitos estão empregados a tempo inteiro, 22 estão a trabalhar a tempo parcial, 8 estão à procura de

emprego, 28 estão desempregados, mas não procuram emprego, e 25 referiram encontrar-se noutra situação, não explicitando a situação laboral que têm.

**Tabela 5- Dados descritivos- Situação Laboral**

	Frequência	Percentagem
Desempregado(a) e não à procura de emprego	31	25,6
Desempregado(a) à procura de trabalho	6	5,0
Empregado(a) a tempo parcial	22	18,2
Empregado(a) a tempo inteiro	38	31,4
Outra	24	19,8
Total	121	

Por fim, relativamente ao estatuto marital, é possível verificar que a maioria dos sujeitos são solteiros, 39 são casados, 3 encontram-se em situação de união de facto, 1 é separado, encontrando-se a viver com alguém, 2 são divorciados e apenas 1 é viúvo.

**Tabela 6-Dados descritivos- Estatuto Marital**

	Frequência	Percentagem
Casado(a) e a viver com o cônjuge	39	32,2
Não casado(a), mas a viver com alguém (união consensual)	3	2,5
Separado (i.e., casado(a), mas não a viver com o cônjuge)	1	,8
Divorciado(a)	2	1,7
Viúvo(a)	1	,8
Solteiro (nunca casado)	75	62,0
Total	121	

## **2. Instrumentos**

Nesta investigação, foram utilizados quatro instrumentos: Formulário de Dados Pessoais, a Escala de Generatividade (Vaz-Rebelo & Franco-Borges, 2006), adaptação portuguesa da Loyola Generativity Scale-LGS (McAdams & de St. Aubin, 1992), a adaptação portuguesa da escala Adult Specific Trust Scale (Johnson-George & Swap, 1982; Rotenberg et al., 2010) Vale-Dias, M. L. & Franco-Borges, G. (2014), e a Escala das Necessidades Psicológicas Básicas (BPNS-G) (Deci & Ryan, 2000)-adaptação portuguesa de Amaral & Franco-Borges (2010).

### **2.1. Formulário de Dados Pessoais**

O formulário de dados pessoais utilizado na presente investigação foi elaborado especificamente para o efeito a partir do Formulário de Dados Pessoais de Rohner (2008). Este contém 7 questões relativas às características sociodemográficas dos sujeitos: Idade, Sexo, Língua Materna, Educação, Emprego, Ocupação e Estatuto Marital.

### **2.2. Escala de Generatividade**

A escala de generatividade consiste numa adaptação portuguesa (Franco-Borges & Vaz-Rebelo, 2007) da Loyola Generativity Scale, desenvolvida por McAdams e de St. Aubin (1992).

Esta pretende avaliar as crenças generativas e não as ações concretas, podendo ser utilizada em diferentes etapas do ciclo vital. É composta por 20 itens de resposta fechada, que abarcam várias dimensões da generatividade: transmissão de conhecimentos ou experiências; preocupação com as gerações futuras; contributo para a comunidade através do envolvimento em determinadas atividades ou organizações; responsabilização pelos outros; realização de atividades suscetíveis de virem a ser recordadas por um longo período de tempo (Santos, 2012).

Quanto à cotação, o questionário é cotado tendo em conta 4 níveis de resposta: 0= nunca, 1= raramente, 2= geralmente e 3= sempre ou quase sempre. Os itens 2, 5, 9, 13, 14 e 15 têm uma cotação invertida.

Relativamente às características psicométricas da Escala de Generatividade, em dois estudos realizados com uma amostra portuguesa (Franco-Borges & Vaz-Rebello, 2007; Vaz-Rebello & Franco-Borges, 2009) de 391 estudantes universitários, o alpha de Cronbach foi de 0.79.

### **2.3. Adaptação portuguesa da escala *Adult Specific Trust Scale***

A adaptação portuguesa da Escala *Adult Specific Trust Scale* foi desenvolvida por Vale-Dias e Franco-Borges (2014), permitindo avaliar o nível de Confiança Interpessoal em relação a uma pessoa específica. Trata-se de um questionário de autorresposta, com uma escala do tipo Likert de 9 pontos (1–Concordo Totalmente a 9–Discordo Totalmente) integrando 10 itens que exigem juízos acerca do colega mais próximo ou íntimo significando que quanto maior a pontuação total obtida, menor o nível de confiança sentida pelo indivíduo.

Relativamente à consistência interna, esta escala apresentou um Alpha de Cronbach de .71 (Vale-Dias & Franco-Borges) e .83 (George & Swap, 1982) em dois estudos realizados e que foram consultados para a realização deste trabalho.

### **2.4. Escala das Necessidades Psicológicas Básicas (BPNS-G)**

Esta escala é uma adaptação portuguesa da Basic Psychological Needs General Scale (Deci & Ryan 2000), realizada por Amaral e Franco-Borges (2010). Tem como finalidade avaliar o nível de satisfação das Necessidades Psicológicas Básicas de Autonomia, Competência e Relacionamento. É constituída por 19 itens que avaliam o nível de satisfação das necessidades de: Autonomia (1,7,10,15 e 18), Competência (3,4,9,12,13 e 17) e Relacionamento (2,5,6,8,11,14,16 e 19), utilizando uma escala de resposta tipo Likert de 5 pontos em que 1- corresponde a Não é de forma alguma verdade e 5 a É totalmente verdade.

Relativamente à consistência interna, registaram-se valores aceitáveis para efeitos de investigação nas subescalas de Relacionamento-.74, Autonomia -.72 e Competência -.62). Contudo, as autoras referem que alguns dos itens da escala não são

suficientemente discriminativos, pelo que há necessidade de rever estes aspetos em estudos futuros.

### **3. Procedimentos da Investigação**

Para realizar esta investigação, foi elaborado, em primeiro lugar, o protocolo de investigação que contém o Consentimento Informado, o Formulário de Dados Pessoais, a Escala de Generatividade, a Adaptação portuguesa da escala Adult Specific Trust Scale e a Escala das Necessidades Psicológicas Básicas (BPNS-G) , os quais foram aplicados na ordem em que são apresentados.

De seguida, foi iniciada a recolha da amostra. A recolha inicial ocorreu na Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação da Universidade de Coimbra, no fim de um exame em contexto de sala de aula de alunos frequentando o 3º ano do MIP. A restante recolha foi efetuada em contexto comunitário.

#### **3.1. Procedimentos Estatísticos**

Para efetuar a análise dos dados utilizou-se o programa estatístico SPSS – Statistical Package of Social Science – versão 22 para Windows, no qual se criou a base de dados. Utilizaram-se as seguintes medidas estatísticas na análise dos dados recolhidos: Medidas de Tendência Central (média), Medidas de Dispersão (o desvio-padrão – DP) e Medidas de Frequência, representadas pelas Frequências Absolutas (N) e Frequências Relativas (%), o valor Máximo (Máx.) e o valor Mínimo (Mín.), para caraterizar a amostra.

De seguida, procedeu-se à verificação da consistência interna de cada uma das escalas utilizadas nesta investigação, efetuada através do cálculo do alfa de Cronbach.

Foi também testada a normalidade das distribuições amostrais das variáveis em estudo, através do Teste do Kolmogorov-Smirnov, com objetivo de verificar se as variáveis apresentavam distribuição normal, informação que serviu de base à opção pela utilização de testes paramétricos ou não paramétricos nas estatísticas inferenciais. De facto, verificou-se que as escalas não apresentam uma distribuição nesta amostra escolha de testes não paramétricos para efetuar as análises diferenciais referidas no ponto II deste trabalho, nomeadamente o teste não paramétrico de U de Mann-Whitney

para averiguar diferenças nas variáveis em estudo em função do sexo e da idade dos participantes.

## **IV- Resultados**

Em primeiro lugar serão apresentados os dados relacionados com as características psicométricas dos instrumentos utilizados (consistência interna). De seguida, serão apresentados os dados relativos à normalidade das distribuições amostrais das variáveis em estudo bem como as análises descritivas dos instrumentos utilizados. Por fim, serão apresentados os resultados referentes às hipóteses formuladas.

### **4.1. Características Psicométricas**

#### **4.1.2. Escala de Generatividade**

A consistência interna da escala EG foi calculada através do alpha de Cronbach, tendo os itens 2, 5,9,13,14 e 15 sido já colocados na base de dados de forma invertida. Esta escala obteve um resultado “aceitável” ( $\alpha=.77$ ).

**Tabela 7 Consistência Interna -Escala da Generatividade**

Alfa de Cronbach	Número de itens
,777	20

#### **4.1.3. Adult Specific Trust Scale**

A consistência interna da escala de Confiança Interpessoal, foi calculada através do alpha de Cronbach, já com os itens 2,3,4,5,6,7,8,9,10 invertidos na base de dados. Esta escala obteve um resultado “excelente” ( $\alpha=.93$ ).

**Tabela 8 Consistência interna- Adult Specific Trust Scale**

Alfa de Cronbach	Número de itens
,934	10

#### 4.1.4. Escala das Necessidades Psicológicas Básicas (BPNS-G)

Foi averiguada a consistência interna de cada uma das subescalas: Autonomia, Competência e Relacionamento, que fazem parte da Escala das Necessidades Psicológicas Básicas (BPNS-G) através do alpha de Cronbach. Os resultados obtidos mostram que todas as escalas têm um resultado inaceitável do ponto de vista estatístico ( $\alpha < 0,5$ ) razão pela qual esta escala não irá ser incluída nas análises inferenciais.

**Tabela 9** Consistência Interna – das subescalas da Escala das Necessidades Psicológicas Básicas (BPNS-G)

Autonomia		Competência		Relacionamento	
Alfa de Cronbach	Número de itens	Alfa de Cronbach	Número de itens	Alfa de Cronbach	Número de itens
,399	5	,007	6	,417	8

#### 4.4. Normalidade das distribuições

Foi efetuado o teste de normalidade da distribuição das diversas variáveis através da utilização do teste de Kolmogorov-Smirnov. A fim de decidir se deveremos utilizar testes paramétricos ou não paramétricos, para analisar as hipóteses formuladas.

##### 4.4.1. Escala de Generatividade

Tal como poderemos observar na tabela 10, esta escala não segue uma distribuição normal.

**Tabela 10-** Avaliação da normalidade da escala da generatividade

	Kolmogorov-Smirnov		
	Estatística	df	Sig.
LGS Total	,091	121	,015

#### 4.4.2. Adaptação portuguesa da escala Adult Specific Trust Scale

Tal como poderemos observar na tabela 11, esta escala não segue uma distribuição normal.

**Tabela 11- Avaliação da normalidade da escala de confiança interpessoal**

	Kolmogorov-Smirnov		
	Estatística	df	Sig.
ASTS Total	,120	121	,000

#### 4.4.3. Escala das Necessidades Psicológicas Básicas (BPNS-G)

Tal como podemos observar na tabela 12, também esta escala não segue uma distribuição normal.

**Tabela 12- Avaliação da normalidade da escala das necessidades psicológicas básicas**

	Kolmogorov-Smirnov		
	Estatística	df	Sig
BPNS Total	,077	121	,073

### 5. Dados Descritivos

#### 5.1. Escala da Generatividade

O resultado total da escala da generatividade refere o grau em que um adulto manifesta uma preocupação consciente em causar um impacto positivo e duradouro nas gerações seguintes (Franco-Borges & Vaz-Rebello, 2007). Este resultado pode oscilar entre o mínimo 0 e máximo 60.

Nesta investigação, o total da escala de generatividade variou entre um mínimo de 19 e um máximo de 56. Os resultados da tabela 13 mostram-nos que a pontuação total mais frequente nesta amostra é de 39 pontos (9,9% dos sujeitos), e cerca de 46,2% dos sujeitos obtêm pontuações que se situam entre os 35 e os 40 valores na escala total.

**Tabela 13- Frequência dos resultados na escala da generatividade**

LGS Total	Frequência	Percentagem
19	1	,8
22	2	1,7
24	3	2,5
27	1	,8
29	2	1,7
30	3	2,5
31	5	4,1
32	5	4,1
33	5	4,1
34	3	2,5
35	8	6,6
36	9	7,4
37	8	6,6
38	10	8,3
39	12	9,9
40	9	7,4
41	4	3,3
42	7	5,8
43	3	2,5
44	3	2,5
45	2	1,7
46	4	3,3
47	1	,8
48	3	2,5
49	3	2,5
51	2	1,7
52	1	,8
55	1	,8
56	1	,8
Total	121	100,0

**Tabela 14-Estatísticas descritivas da escala da generatividade**

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
LGS Total	121	19	56	37,98	6,629

## 5.2. Adaptação Portuguesa da Adult Specific Trust Scale

O resultado total da Adaptação Portuguesa da Adult Specific Trust Scale, refere o nível de Confiança que o sujeito tem no seu colega ou no amigo mais próximo, podendo oscilar entre o mínimo de 15 pontos e o máximo de 90 pontos.

Nesta investigação o nível de confiança interpessoal no amigo mais próximo ou íntimo, oscilou entre um mínimo de 15 e um máximo de 90.

Os resultados da tabela 16 mostram-nos que a pontuação total mais frequente nesta amostra é de 90 pontos (8,3% dos sujeitos), e cerca de 67,3% dos sujeitos obtêm pontuações que se situam entre os 70 e os 90 valores na escala total.

**Tabela 15- Estatísticas descritivas da escala da confiança interpessoal**

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
ASTS Total	121	15	90	71,02	16,148

**Tabela 16- Frequência dos resultados na escala de confiança interpessoal**

ASTS Total	Frequência	Percentagem
15	1	,8
18	1	,8
21	1	,8
29	1	,8
38	1	,8
42	1	,8
45	1	,8
47	1	,8
48	2	1,7
49	1	,8
50	3	2,5
51	3	2,5
53	1	,8
54	3	2,5
55	1	,8
57	2	1,7
59	1	,8
60	2	1,7
61	1	,8
62	3	2,5
63	3	2,5

64	1	,8
65	3	2,5
67	4	3,3
68	1	,8
69	3	2,5
70	4	3,3
71	3	2,5
73	4	3,3
74	5	4,1
75	3	2,5
76	2	1,7
77	3	2,5
77	3	2,5
77	3	2,5
78	3	2,5
79	2	1,7
80	5	4,1
81	5	4,1
82	3	2,5
83	3	2,5
84	2	1,7
85	3	2,5
86	3	2,5
87	6	5,0
88	3	2,5
89	3	2,5
90	10	8,3
Total	121	100,0

## 6. Teste das Hipóteses

**Hipótese 1:** Atendendo à verificação prévia de que o nível de preocupação generativa aumenta com a idade, espera-se que o nível de preocupação generativa seja mais elevado em sujeitos mais velhos;

Com o intuito de averiguar a se a preocupação generativa aumenta com a idade, utilizou-se o teste não paramétrico U de Mann-Whitney. Dividiu-se a amostra em dois grupos etários: o primeiro grupo corresponde à faixa etária 19-25 anos e o segundo grupo corresponde a faixa etária 26-56 anos. Os resultados da tabela 17 mostram-nos

que o nível de preocupação generativa não é mais elevado na faixa etária mais velha. Sendo assim, a hipótese 1 foi infirmada.

**Tabela 17- Comparação da pontuação total da generatividade nos dois grupos etários**

	Faixa etária	N	Média	U de Mann-Whitney	p
LGS	19-25	62	62,31	1747,500	,672
Total	26-56	59	59,62		

**Hipótese 2:** Atendendo à verificação prévia da existência de diferenças significativas no nível generatividade em função do sexo espera-se que o nível de preocupação generativa se diferencie em função do sexo, sendo mais elevada no sexo feminino;

Com objetivo de averiguar a existência de diferenças em função do sexo dos sujeitos foi utilizado o teste não paramétrico U de Mann-Whitney. Tal como podemos verificar na tabela 18, os participantes do sexo feminino têm uma pontuação mais elevada na escala da generatividade (M=64,98) do que os sujeitos do sexo masculino (M=56,38), contudo esta diferença não é estatisticamente significativa (U=1561,500;  $p>.05$ ). A hipótese 2 não foi confirmada.

**Tabela 18- Comparação da pontuação total da generatividade em função do sexo**

	Sexo	N	Média	U de Mann-Whitney	p
LGS	masculino	56	56,38	1561,500	,178
Total	feminino	65	64,98		

**Hipótese 3:** Atendendo à verificação prévia da diferenciação das crenças da confiança interpessoal em diferentes amostras em função do sexo, espera-se que esta dimensão seja mais elevada no sexo feminino;

Com o intuito de averiguar a existência de diferenças na confiança interpessoal, em função do sexo dos sujeitos, utilizou-se o teste não paramétrico U de Mann-Whitney. A leitura da tabela 19 permite-nos verificar que os sujeitos do sexo feminino têm pontuação mais elevada na escala da confiança interpessoal (M=64,52) do que os sujeitos do sexo masculino (M=56,91) mas esta diferença não é estatisticamente significativa (U= 1591,000;  $p>0.05$ ). A hipótese 3 não foi confirmada.

**Tabela 19-Comparação da pontuação total da confiança interpessoal em função do sexo**

	Sexo	N	Média	U de Mann-Whitney	p
ASTS	masculino	56	56,91	1591,000	,234
Total	feminino	65	64,52		

**Hipótese 4:** Atendendo à verificação prévia de que os níveis de confiança interpessoal aumentem em função da idade, espera-se que o nível de confiança interpessoal seja mais elevado nos participantes mais velhos.

Com objetivo de verificar se os níveis de confiança interpessoal, aumentam com o aumento da idade, utilizou-se o teste não paramétrico U de Mann-Whitney, com os sujeitos divididos em dois grupos etários, 19-25 anos e 26-56 anos. Tal como podemos observar na tabela 20 existem diferenças estatisticamente significativas em relação à idade ( $p<0.05$ ). Os sujeitos mais velhos apresentam menor confiança interpessoal, infirmando a hipótese 4.

**Tabela 20- Comparação da pontuação total da confiança interpessoal em função da idade**

	Faixa etária	N	Média	U de Mann-Whitney	p
LGS	19-25	62	70,10	1265,000	,003
Total	26-56	59	51,44		

## V – Discussão

Segundo o Modelo de Erikson, tanto a confiança interpessoal como a generatividade são entendidas como características integrantes dos estádios de desenvolvimento humano. Assim, esta investigação pretendeu compreender se a Generatividade e a Confiança Interpessoal apresentam diferenças tendo em conta a idade e o género.

Um dos principais contributos desta investigação prende-se com o estudo das características psicométricas das escalas, tendo sido analisados os níveis de consistência interna das escalas utilizadas na investigação através do coeficiente alfa de Cronbach. Relativamente à escala de generatividade, esta apresentou um valor coeficiente alfa de Cronbach considerado aceitável ( $\alpha=.777$ ), resultado diferente daquele que foi obtido nos estudos psicométricos feitos no âmbito da construção da escala, em que foram obtidos valores de consistência interna elevados ( $\alpha=0.83$ ) (McAdams et. Aubin, 1992). Relativamente à escala adaptação portuguesa da Adult Specific Trust Scale, esta obteve um valor coeficiente alfa de Cronbach considerado elevado ( $\alpha=.934$ ), sendo este resultado também diferente dos resultados obtidos por Vale-Dias & Franco-Borges ( $\alpha=.71$ ) e Jonhson-George & Swap, 1982 ( $\alpha=.83$ ). Quanto às subescalas da escala das Necessidades Psicológicas Básicas (BPNS-G), Autonomia ( $\alpha=.399$ ), Competência ( $\alpha=.007$ ) e Relacionamento ( $\alpha=.417$ ), todas elas apresentam um resultado inaceitável do ponto de vista estatístico ( $\alpha < 0,5$ ). Estes resultados não vão ao encontro dos resultados obtidos por Amaral e Franco Borges (2010), Autonomia ( $\alpha=.72$ ), Competência ( $\alpha=.60$ ) e Relacionamento ( $\alpha=.74$ ), num estudo em que as autoras obtiveram valores de consistência interna considerados aceitáveis.

Tendo em vista analisar a possível existência de diferenças na generatividade e na confiança interpessoal tendo em conta o sexo e a idade dos sujeitos, estabeleceram-se quatro hipóteses, formuladas tendo por base a revisão da literatura, para analisar as mesmas e utilizou-se o teste U de Mann-Whitney, para averiguar a possível existência de diferenças nessas dimensões.

A primeira hipótese pretendia verificar se o nível de preocupação generativa aumentava com a idade. Para analisar esta hipótese utilizou-se o teste não paramétrico U de Mann-Whitney, e os resultados mostram-nos que apesar do valor encontrado não ter alcançado o limiar de significância estatística, o nível de preocupação generativa é

menor no grupo etário mais velho. Esta hipótese não foi, portanto, totalmente confirmada. Era de esperar que, de acordo com Erikson, a generatividade aumentasse ao longo dos anos da adultez, decrescendo gradualmente na velhice (McAdams, de St. Aubin & Logan, 1993). McAdams, de St. Aubin e Logan (1993) investigaram a generatividade ao longo da idade dos sujeitos, e verificaram um aumento dos compromissos generativos e da narrativa generativa entre a juventude e a meia-idade, no entanto, não foi encontrado um suporte para um eventual posterior decréscimo.

A segunda hipótese, pretendia verificar a existência de diferenças significativas no nível generatividade função do sexo. Para tal utilizou-se o teste não paramétrico U de Mann-Whitney, e os resultados permitiram verificar que esta diferença não é estatisticamente significativa ( $U= 1561,500$ ;  $p>0.05$ ). Embora os sujeitos do sexo feminino obtenham pontuação mais elevada na escala da generatividade ( $M=64,98$ ) do que os sujeitos do sexo masculino ( $M=56,38$ ) este resultado não alcançou o limiar de significância estatística. Ao contrário dos resultados obtidos em alguns estudos realizados junto de estudantes universitários, em que a generatividade apresentou diferenças em função do sexo tendo os sujeitos do sexo feminino a obtido valores mais elevados de generatividade (Franco-Borges e Vaz-Rebello, 2007; Vaz-Rebello & Franco-Borges, 2009; Franco Borges, Vaz-Rebello, & Kourkoutas, 2010; McAdams e de S. Aubin, 1992).

A terceira hipótese pretendia analisar a possível existência de diferenças nas crenças de confiança interpessoal, em função do sexo. Para tal utilizou-se o teste U de Mann-Whitney. Os resultados obtidos mostram que esta diferença não é estatisticamente significativa ( $U= 1591,000$ ;  $p>0.05$ ). Embora os sujeitos do sexo feminino obtenham pontuação mais elevada na escala da confiança interpessoal ( $M=64,52$ ), do que os sujeitos do sexo masculino ( $M=56,91$ ), este valor não alcançou o limiar de significância estatística, ao contrário dos resultados que foram obtidos por Rotenberg et al. (2005). A pontuação mais elevada no sexo feminino é, provavelmente, devida ao facto de as relações sociais das raparigas entre as mesmas serem caracterizadas por maior intimidade, companheirismo e apoio pró social, comparativamente com as relações sociais dos rapazes (Betts, Rotenberg, & Trueman, 2008).

Por último a quarta hipótese pretendia verificar se os níveis de confiança interpessoal são mais elevados no grupo etário mais velho. Para tal utilizou-se o teste não paramétrico U de Mann-Whitney, e os resultados obtidos mostram que existe uma diferença estatisticamente significativa ( $p < 0.05$ ) entre os dois grupos etários considerados neste estudo, sendo o valor mais baixo no grupo etário mais velho. Esta hipótese não foi, igualmente, confirmada. Também num estudo de num estudo de Dias (2016) se verificou que os níveis de confiança interpessoal diminuem à medida que a idade aumenta. No entanto, num estudo de Cecconello e Koller (2000) e no estudo de Escrivá e colaboradores (2004) não se verificaram diferenças em relação à idade, ao contrário do estudo de Litvack et al. (1997) com crianças dos 8 aos 11 anos, onde foram encontradas diferenças significativas em relação à idade, tendo sujeitos mais velhos obtido resultados mais elevados. No entanto, não devemos esquecer o facto de que este último estudo foi realizado com crianças.

## **VI – Conclusão**

A presente investigação procurou analisar a existência de possíveis diferenças na generatividade e na confiança interpessoal, considerando as variáveis sociodemográficas sexo e idade.

Os resultados obtidos permitiram-nos concluir que em relação à variável sexo foi possível verificar que não existem diferenças estatisticamente significativas nas variáveis analisadas se bem que os níveis de generatividade e de confiança interpessoal são mais elevados no sexo feminino. Quanto à variável idade, na generatividade não se obtiveram diferenças entre os grupos etários relativos à idade. A confiança interpessoal é menor no grupo etário mais velho, ao contrário do previsto.

Relativamente às limitações deste estudo, estas prendem-se o tamanho e tipo de amostra (amostra reduzida e de conveniência). Embora não se verifique um grande desequilíbrio no variável sexo, a distribuição dos sujeitos nesta variável deveria estar mais equilibrada. Também relativamente à idade esta deveria ser mais diversificada, sendo a maioria dos sujeitos desta amostra muito novos, havendo claramente uma falta de representação de faixas etárias mais velhas.

Para investigações futuras seria interessante analisar se os níveis de generatividade e confiança se diferenciam quando se tem irmãos, quando os pais são separados, e consoante o nível socioeconómico. Seria também interessante explorar as relações de vinculação, para se perceber o papel destas variáveis no desenvolvimento e manutenção da confiança interpessoal e da generatividade.

Concluindo, considera-se acima de tudo premente a realização de estudos longitudinais na área da generatividade e da confiança interpessoal, complementando as investigações de carácter transversal já realizadas.

## **Bibliografia**

- Amaral, M., & Franco-Borges, G. (2010). Bem-estar dos Adultos Emergentes: Factores de Protecção e de Risco. *Integração e bem-estar em contextos de trabalho*, 28-44, Braga: Universidade do Minho.
- Barros, A. M. (1991). Expectativas de controlo interno-externo: Revisão da literatura e análise dos instrumentos. *Psicologia*, 8(1), 79-92.
- Bernath, M. S., & Feshbach, N. D. (1995). Children's trust: Theory, assessment, development, and research directions. *Applied and Preventive Psychology*, 4(1), 1-19.
- Borum, R. (2010). *The Science of Interpersonal Trust*. McLean, VA: The Mlitre Corporation, 2010. Disponível em: [http://works.bepress.com/randy\\_borum/48](http://works.bepress.com/randy_borum/48) (26 /05/2015).
- Cecconello, A. M., & Koller, S. H. (2000). Competência social e empatia: um estudo sobre resiliência com crianças em situação de pobreza. *Estudos de Psicologia*, 5(1), 71-93.
- Coslin, P. G., & Pacheco, R. (2009). *Psicologia do adolescente*.
- Costa, M. E. (2001). Generatividade: questões de desenvolvimento e de intervenção psicológica.
- Erikson, EH (1963). *Infância e Sociedade*. 2d ed., Rev. e enl . Nova Iorque, Norton.
- Escrivá, V. M., Navarro, M. D. F., & García, P. S. (2004). La medida de la empatía: análisis del Interpersonal Reactivity Index. *Psicothema*, 16(2), 255-260.
- Evans, A. M., & Krueger, J. I. (2011). Elements of trust: Risk and perspective-taking. *Journal of Experimental Social Psychology*, 47(1), 171-177.

- Garcia, A. (2005). Relacionamento interpessoal: Olhares diversos. *Vitória: UFES*.
- Hosmer, L. T. (1995). Trust: The connecting link between organizational theory and philosophical ethics. *Academy of management Review*, 20(2), 379-403.
- Johnson-George, C. & Swap, WC (1982). Medição da confiança interpessoal específica: Construção e validação de uma escala para avaliar a confiança em uma outra específica. *Jornal da personalidade e psicologia social* , 43 (6), 1306.
- Larzelere, R. E., & Huston, T. L. (1980). The dyadic trust scale: Toward understanding interpersonal trust in close relationships. *Journal of Marriage and the Family*, 595-604.
- Lawford, H., Pratt, MW, Hunsberger, B. e Mark Pancer, S. (2005). Generatividade adolescente: um estudo longitudinal de dois contextos possíveis para a preocupação com a aprendizagem para as gerações futuras. *Jornal de Pesquisa sobre Adolescência* , 15 (3), 261-273.
- Litvack-Miller, W., McDougall, D., & Romney, D. M. (1997). The structure of empathy during middle childhood and its relationship to prosocial behavior. *Genetic, Social, and General Psychology Monographs*, 123(3), 303-325.
- McAdams, D. P. (2006). The redemptive self: Generativity and the stories Americans live by. *Research in human development*, 3(2-3), 81-100.
- McAdams, D. P., Hart, H. M., & Maruna, S. (1998). The anatomy of generativity.
- McAdams, D. P., & de St. Aubin, ED (1998). Generatividade e desenvolvimento adulto. *Washington, DC Associação Americana de Psicologia*.

- McAdams, D. P., de St Aubin, E. D., & Logan, R. L. (1993). Generativity among young, midlife, and older adults. *Psychology and aging*, 8(2), 221-230.
- McAdams, D. P., & de St Aubin, E. D. (1992). A theory of generativity and its assessment through self-report, behavioral acts, and narrative themes in autobiography. *Journal of personality and social psychology*, 62(6), 1003.
- Oliveira, M. C. G. D. (2012). *A generatividade e a percepção de aceitação-rejeição paterna na transição para a parentalidade* (Doctoral dissertation).
- Peterson, B. E., Smirles, K. A., & Wentworth, P. A. (1997). Generativity and authoritarianism: Implications for personality, political involvement, and parenting. *Journal of Personality and Social Psychology*, 72(5), 1202.
- Rotenberg, K. J. (2010). The conceptualization of interpersonal trust: A basis, domain, and target framework. *Interpersonal trust during childhood and adolescence*, 8-27.
- Rebelo, P. V., & Borges, G. F. (2009). Contributos para o estudo do desenvolvimento do adulto: reflexões em torno da generatividade. *Práxis Educacional*, 7, 97-114.
- Rotenberg, K. J., Boulton, MJ e Fox, CL (2005). Relações transversais e longitudinais entre crenças de confiança da criança, desajustamento psicológico e relações sociais: são muito altas e muito baixas as crianças confiantes em risco ?. *Jornal de psicologia infantil anormal* , 33 (5), 595-610.
- Rotenberg, K. J. (2001). Interpersonal trust across the lifespan. In N. J. Smelser & P. B. Baltes (Eds.), *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences* (pp. 7866-7868). Pergamon: New York.
- Rotenberg, K. J. (1994). Loneliness and interpersonal trust. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 13(2), 152-173.

- Rotter, J. B. (1980). Interpersonal trust, trustworthiness, and gullibility. *American Psychologist*, 35 (1), 1-7.
- Rousseau, D. M., Sitkin, S. B., Burt, R. S., & Camerer, C. (1998). Not so different after all: A cross-discipline view of trust. *Academy of management review*, 23(3), 393-404.
- Santos, C. P. G., Terres, M. S. (2010). Exame da confiança interpessoal baseada no afecto. REGE, vol. 18 (pp. 427-449). São Paulo, Brasil. DOI: 10.5700/rege 434.
- Simpson, J. A. (2007). Psychological foundations of trust. *Current Directions in Psychological Science*, 16, 264-268.
- Slater, C. L. (2003). Generativity versus stagnation: An elaboration of Erikson's adult stage of human development. *Journal of Adult Development*, 10(1), 53-65.
- Szcześniak, M., Colaço, M., & Rondón, G. (2012). Development of interpersonal trust among children and adolescents. *Polish Psychological Bulletin*, 43(1), 50-58.
- Urien, B., & Kilbourne, W. (2011). Generativity and self-enhancement values in eco-friendly behavioral intentions and environmentally responsible consumption behavior. *Psychology & marketing*, 28(1), 69-90.
- Vale-Dias, M., & Franco-Borges, G. (2014). Adaptação portuguesa da Escala de Confiança Interpessoal (Rotenbergs Specific Trust Scale-Adults). *Documento não publicado*.
- Vaz-Rebelo, P. & Franco-Borges, G. (2006). Escala de Generatividade. In G. Franco-Borges, & P. Vaz-Rebelo (2007). Parentalidade e generatividade. *Psychologica*, 44, 329-351.

Zacarés, J. J., & Serra, E. (2011). Explorando el territorio del desarrollo adulto: la clave de la generatividad. *Cultura y educación*, 23(1), 75-88.



FACULDADE DE PSICOLOGIA  
E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

**CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM INVESTIGAÇÃO**

No âmbito da realização do *Mestrado Integrado em Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento* pela **Mestranda Vanessa Ferreira**, sob orientação da Professora Doutora Graciete Franco Borges

A recolha dos dados é **anónima**, visando analisar o papel de algumas variáveis no percurso académico dos estudantes, cujos resultados serão analisados no âmbito da realização da Dissertação da Mestranda atrás referida.

Agradecemos antecipadamente a sua **participação voluntária** no presente estudo, mediante a assinatura da Declaração abaixo

**Declaração**

- Declaro ter lido e compreendido o documento acima, bem como as informações verbais facultadas pelas investigadoras responsáveis, podendo, a qualquer momento, interromper e/ou desistir da minha participação no estudo, sem qualquer tipo de consequência.
- Não quero participar no estudo.